

VIDAL SERRANO NUNES
PROMOTOR DE JUSTIÇA APOSENTADO
INGRESSO MPSP: 11/09/1980 E SAÍDA 05/06/1987

APMP: Por que escolheu a carreira de promotor de Justiça?

Eu sempre quis ser promotor de Justiça, só que naquele tempo, como eu me casei cedo, tinha filhos, o salário de promotor não dava para sustentar a família. Depois houve uma mudança de comportamento, tanto no meu escritório, como também na promotoria. Ai passou a ser interessante. Eu tinha outro problema para ser promotor. Eu conhecia muito bem as matérias cíveis: constitucional, civil, processo civil, comercial, trabalhista, eu sabia bem, mas eu tinha uma deficiência de penal e processo penal. E o concurso era muito exigente. Comprei um resumo de um livro de um colega nosso sobre penal. Faltando três dias para o concurso um tema me chamou a atenção: crime progressivo. Eu nunca tinha ouvido falar. Estudei, me interessei, dois dias depois caiu no concurso. Tive outro problema, um dos examinadores ficou doente. Ai eu fui para o oral. Um dos examinadores ficou doente. Tive tempo para estudar. Ai enfrentei o concurso e passei.

APMP: Se recorda dos examinadores?

Lembro. Doutor Scavone, por exemplo, tive discussões jurídicas com ele, sempre conciliando. Foi um exame lindo. Depois eu tive o doutor Jorge, que me perguntou sobre direito penal. Teve o advogado (OAB) não me lembro. Um concurso que marcou muito a minha vida. Eu tive sorte. Logo de cara eu fui promovido.

APMP: O senhor já tinha certa experiência, ajudou?

Eu cheguei à procuradoria e falei que tinha experiência: - gostaria que o senhor me aproveitasse melhor em outros lugares. O procurador me mandou para fazer júri em Guarulhos. De cara, foi pitoresco, eu peguei um júri, cujo advogado, na defesa, só falou bobagens. Fugiu da matéria. Ele foi muito habilidoso.

Depois eu tive um segundo júri, em Guarulhos, que foi uma coisa horrorosa. O cara estava passando na Estação da Luz, viu um conterrâneo dele do nordeste jogado no chão, pegou o amigo, levou para casa, deu banho, ai o conterrâneo se engraçou com a mulher dele e ela correspondeu. Ai o marido foi tirar satisfação e o cara puxou a faca e mandou ele embora. Ele ficou dono da casa e da mulher O cara foi. Ai ele se engraçou com a filha da mulher. A mulher ficou enciumada e disse que ia dar queixa dele, porque ele estava mexendo com menores. Ele falou que se ela fizesse isso ele ia matá-la. E matou. Deu dezessete facadas na mulher. Uma coisa horrorosa. Eu fiz uma acusação pesada contra ele. Minha primeira prova de fogo foi ai. Ele pegou quinze ou vinte anos de cadeia.

Depois eu fui promovido para Juquiá, uma cidade que não tinha muito progresso. Tinha problema para tudo quanto é lado. Não tinha juiz, não tinha delgado, não tinha anda. Ai o juiz chegava lá na quarta e ia embora na quinta. Falei: olha, estou sozinho aqui e dependo de você. O promotor deve ter muita criatividade na função. Isso é arriscado porque você pode estar errado. Tem que ter muita formação humana. Lá tinha problemas sérios. Todo domingo à tarde, tive a informação, eu não estava lá, de que meias dúzias de bêbados mexiam com tudo o que é mulher na rua, e as pessoas estavam com medo de sair de casa. E pedia providencia da autoridade. Fui lá e tomei providencias. Falei com o juiz. Chamei o prefeito e falei que estava com problema: não tinha delegado, não tinha cadeia. Pedi um funcionário da prefeitura, treinei para fazer flagrante. Botei todos na cadeia. Chegou à segunda-feira as mulheres fazendo fila na cadeia para soltar os maridos. Soltamos.

Tinha lá outro problema de menores abandonados. Eu peguei os caras mais endinheirados da cidade e pedi para eles montarem uma Associação. Criamos a Associação e recolhemos todos os menores lá.

Outro problema: tinha uma mulher que tinha uma lanchonete. Toda sexta-feira virava prostíbulo. Trazia uma perua cheia de meninas, muitas menores, e a policia se queixava. Eu chamei a mulher no fórum e ela foi arrogante comigo, bateu o pé e disse que não ia fechar. Na hora de sair eu falei: - vou arrolar a senhora como coautora de todos os crimes que aconteceram lá dentro. Se tiver crime a senhora será processada. Chamei o prefeito e pedi para ele fechar o funcionamento do bar. Ele baixou portaria e a mulher foi embora da cidade. São coisas que a gente enfrenta.

Depois eu fui promovido para Itanhaém. Lá tinha muita gente afogada. Chamei o bombeiro e tentamos resolver.

Fui para Diadema. Lá fiquei sabendo que eles entravam na fila às quatro da manhã, as oito pegava ficha para falar comigo à tarde. Isso não pode. Vim e falei com o assessor da procuradoria-geral. Eram pessoas experientes. Eu falei que precisava de orientação. E contei o caso. Comecei a organizar. Ai me falaram que o prefeito estava organizando uma assistência judiciária.

Um pouco antes disso eu fui promotor em Tambaú. Lá tinha cerâmicas, cidade que faz telhas, tijolos. E quase todos os dias tinha reclamação de direito trabalhista. Eu chamava o proprietário e conversava. Falei da minha preocupação. Eles pararam.

Depois eu vim para o Júri em SP. Enfrentei muitos advogados. Era aquela luta.

Estava lá sendo protestado um comum. Na prisão ele se converteu em pastor protestante. Chegou o dia do depoimento este homem mexeu com todo mundo, falando de Deus, de liberdade. Criou-se um clima a favor dele muito grande. Quando o juiz me deu a palavra

eu fiquei pensando o que eu iria falar para tirar aquele clima do réu. Ele tinha matado uma pessoa. Ai eu saudei todos os presentes e falei:

-Olha senhores jurados, o réu me impressionou também, não foi só os senhores, eu também estou impressionado com a mudança radical que ele teve na prisão. Como ele falou, também concordo, ele teve a interferência e Deus na vida dele, só que Deus interferiu na vida dele para ele pregar aqui dentro do presídio, aqui é que vai ser útil, aqui é que as pessoas precisam de Deus, mais do que qualquer lugar. Ate citei uma frese: tanto que Cristo disse: eu vim para os criminosos, para os pecadores. Mais do que para gente que tem vida normal. Então ele tem que ficar aqui. E ele só pode ficar se for condenado. Ele pegou doze anos de cadeia.

Tive outro fato pitoresco, também. O sujeito brigou com a ex-mulher e nessa ela acusou que ele tinha posto veneno no prato da filha. Não tinha prova, tinha acusação de ex-mulher. Antes da chamada Lei Fleury, pouca gente sabe disso, o delegado Fleury defendia combatendo a contra revolução de 64 combatendo terrorista, ai arrumaram esquema de processar inclusive promotores do MP, iminentes promotores que não concordaram com a postura dele, houve abuso. Naquele tempo, antes de mandar a júri o juiz dava uma sentença dizendo que ele pode ser culpado. Ai a prisão era obrigatória. Este homem casou-se novamente e brigou com a nova mulher. Brigou pior. A mulher o denunciou. Só que com a Lei Fleury não era caso de prender. Ali não era caso de prender, era uma tentativa branca. Tentativa branca é um caso de que pode envolver o réu com a morte. Mas era difícil. O caso do veneno no prato, se ela não comer a comida. A pena era de dois anos com direito a sursis (em liberdade). Então a polícia foi lá e prendeu o homem. Só que a lei já estava revogada. Ai foi todo mundo lá contra o homem: como é que vamos manter este homem aqui na prisão? Nem depois de condenado ele ai preso. Primário. O juiz é um homem de bom feeling. Não, mas se você concordar com essa loucura ele vai mandar matar a mulher. Então manda a mulher aqui, me declara isso, assina com testemunhas, ai eu vou falar com o juiz pra mantê-

lo na cadeia para refrescar a memória. Se ela não vier eu vou soltar. Ela não vem. Soltamos. Ele foi lá e matou a mulher.

APMP: A aposentadoria veio na entrância especial.

Eu tive um problema de natureza particular e a minha vida ficou muito difícil. Ai eu falei com o procurador-geral na época: - olha fica na sua casa. Eu tinha licença prêmio. Tirei. Não adiantou. Ai ele falou: você tem direito a reversão (pede a aposentadoria e depois de seis meses volta). E eu me aposentei com esse propósito. Eu já tinha direito, também. Então foi o que eu fiz.